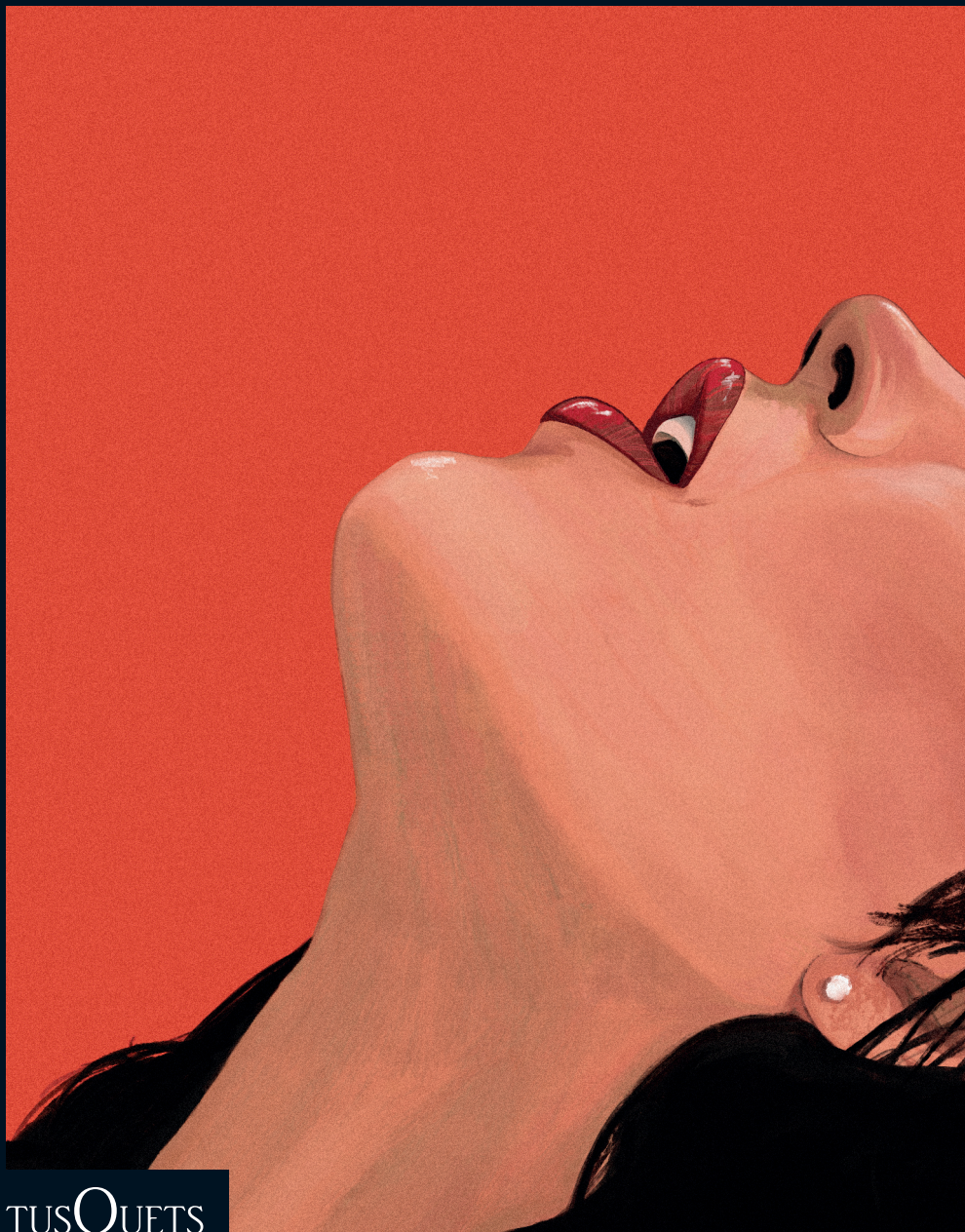


EMMANUELLE ARSAN
EMMANUELLE
A lição dos homens



EMMANUELLE
ARSAN

EMMANUELLE
A LIÇÃO DOS HOMENS

Tradução
Carolina Donadio

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Archipoche, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Carolina Donadio, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Emmanuelle: la leçon d'homme*

Preparação: Giovana Bomentre
Revisão: Ligia Alves e Thiago Bio
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Márcia Matos
Capa da edição Tusquets: adaptada do projeto gráfico original de Companhia
Imagem de capa: Amanda Brotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Arsan, Emmanuelle	
Emmanuelle : a lição dos homens / Emmanuelle Arsan ;	
tradução de Carolina Donadio. – São Paulo : Planeta do	
Brasil, 2026.	
288 p.	
ISBN 978-85-422-4491-5	
Título original: Emmanuelle: la leçon d'homme	
1. Ficção francesa 2. Literatura erótica I. Título II. Donadio,	
Carolina	
26-4327	CDD 843.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção francesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1. O Unicórnio Alado

*Vênus tem mil maneiras de entregar-se aos seus
prazeres, porém a mais simples, a menos cansativa,
é permanecer meio inclinada sobre o lado direito.*

— Ovídio, A arte de amar

Emmanuelle pega, em Londres, o avião que vai levá-la a Bangkok. O cheiro de couro novo, parecido com o que os automóveis britânicos conservam, após anos de uso, a espessura e o silêncio dos carpetes, uma iluminação de outro mundo são, a princípio, tudo o que ela consegue perceber desse cenário onde penetra pela primeira vez.

Não compreende o que diz o homem sorridente que a guia; entretanto, não se preocupa. Talvez seu coração esteja batendo mais rápido, mas não por apreensão, quase por estranhamento. O uniforme azul, a atenção prestada, a autoridade da equipe encarregada de recebê-la e iniciá-la, tudo contribui para proporcionar uma sensação de segurança e euforia. Ela sabe que

os ritos que precisou cumprir diante de guichês, cujo mistério sequer tentou desvendar, tinham o objetivo de lhe dar acesso ao universo que, durante doze horas de sua vida, será seu: um universo com leis diferentes das conhecidas, mais restritivas também, mas talvez, por isso mesmo, mais deliciosas. Essa arquitetura alada de metal, curvilínea e fechada, sobre o límpido início de tarde do verão inglês, determina de uma vez sua fronteira com os gestos habituais e com a vontade. Ao estado de alerta da liberdade sucedem os lazeres e as quietudes da sujeição.

Designam-lhe um lugar: o mais próximo da cabine. Mas este é uniformemente revestido de tecido, sem janelas; a viajante não verá nada além desse muro sedoso. Pouco importa! Não deseja outra coisa senão entregar-se aos poderes dessas profundas poltronas, entorpecer-se entre seus braços lanosos, contra seus ombros de musgo e sobre suas pernas de sereias.

Entretanto, ainda não se atreve a deitar, como sugere o comissário ao mostrar as alavancas que devem ser acionadas para reclinar o encosto. Ele aperta um botão e o feixe liliputiano traça uma elipse luminosa sobre os joelhos da passageira.

Surge uma comissária de bordo cujas mãos voam, colocando em um compartimento acima dos assentos a leve bolsa de couro cor de mel que Emmanuelle leva como bagagem de mão, pois ela não pensa em trocar de roupa durante a viagem e não tem a intenção de escrever ou de ler. A aeromoça fala francês, o que dissipa a sensação de leve torpor que há dois dias sente a estrangeira (que chegou a Londres apenas na véspera).

A jovem está inclinada sobre ela, e sua cabeleira loira faz os longos cabelos de Emmanuelle parecerem ainda mais noturnos. Estão vestidas quase do mesmo modo: saia de otomana azul e blusa branca, ou saia justa de seda selvagem e blusa de xantun-gue. No entanto, o sutiã, que se percebe através da blusa da inglesa, por mais leve que seja, é suficiente para privar sua silhueta da mobilidade, o que leva a supor que o peito de Emmanuelle

esteja nu sob a blusa. E, enquanto o regulamento da companhia obriga a primeira a fechar bem o decote do colarinho, o corpete da segunda está entreaberto o suficiente para que um espectador atento possa descobrir o contorno de um seio graças a um gesto ou à cumplicidade de uma corrente de ar.

Emmanuelle está feliz que a aeromoça seja jovem e que seus olhos sejam parecidos com os dela – salpicados de finas fagulhas de ouro.

A cabine, ouve dizer, é a última do avião, a mais próxima da empenagem. Esse lugar deixaria Emmanuelle exposta a trepidações se fosse qualquer outro avião, mas (e a voz da jovem se enche de orgulho), a bordo do *Unicórnio Alado*, o conforto é o mesmo em todos os lugares – pelo menos (corrige-se) nas cabines de luxo, pois, obviamente, os passageiros da classe econômica não dispõem de tanto espaço, nem de assentos tão macios, tampouco da privacidade das cortinas de veludo entre cada fileira.

Emmanuelle não tem vergonha desses privilégios nem da fortuna que foi necessária para obtê-los. Pelo contrário, experimenta uma ternura quase física ao pensar no excesso de estima direcionada a ela.

A comissária de bordo, agora, se gaba da disposição dos toaletes, que mostrará a sua passageira assim que o avião decolar. Há quantidade suficiente de banheiros em vários pontos da aeronave para que Emmanuelle não precise se preocupar em ser incomodada por idas e vindas. Se assim desejar, só encontrará, praticamente, as três pessoas que compartilharão sua cabine. Mas se, ao contrário, preferir um pouco de companhia, será fácil fazer amizade com outros passageiros passeando pelos corredores ou sentando-se no bar. Desejaria algo para ler?

— Não — diz Emmanuelle. — Agradeço, você é muito gentil. Não estou com vontade de ler no momento.

Pensa no que poderia perguntar para agradá-la. Mostrar interesse pelo avião? Qual a velocidade de voo?

— Mais de mil quilômetros por hora em média; e seu raio de ação permite que faça pousos apenas a cada seis horas.

Com uma única escala intermediária, a viagem de Emmanuelle durará, então, pouco mais de meio dia. Mas, como (aparentemente) perderá tempo girando na mesma direção que a Terra, não chegará antes das nove horas do dia seguinte a Bangkok, no horário local. Em suma, não haverá tempo para nada além de jantar, dormir e acordar.

Duas crianças, um menino e uma menina tão parecidos que só se podem supor gêmeos, abrem a cortina. Emmanuelle nota rapidamente seus uniformes convencionais e sem graça de escola inglesa, seus cabelos loiros quase ruivos, sua expressão de frieza fingida e a arrogância com a qual se dirigem ao funcionário da companhia, com palavras curtas e cuspidas. Embora pareçam não ter mais do que doze ou treze anos, a segurança de seus gestos garante, entre este e eles, uma distância que o funcionário não cogita reduzir. Acomodam-se tranquilamente nos assentos separados de Emmanuelle pelo corredor. Antes que pudesse examiná-los em detalhes, entra o último dos quatro passageiros a quem essa cabine está reservada, e a atenção da jovem volta-se para ele.

Mais alto do que ela por pelo menos uma cabeça, com nariz e queixo bem-definidos, bigode e cabelos pretos, o homem sorri para Emmanuelle, inclinando-se ligeiramente sobre ela para guardar uma pasta de couro macia e escura, que cheira bem. Seu terno cor de âmbar e sua camisa de linho agradam Emmanuelle. Ela o considera elegante e bem-educado, o que, em suma, constitui as qualidades essenciais que se espera de um vizinho de cabine.

Ela tenta adivinhar sua idade: quarenta, cinquenta anos? Deve ter vivido bem, a julgar pelas rugas de indulgência nos cantos dos olhos... Sua presença é mais agradável, pensa, do que a dos pretensiosos colegiaizinhos. Mas logo ri consigo mesma dessa simpatia e dessa aversão apressadas. Inúteis, também: por uma noite...!

Em pouco tempo, esqueceu-se o suficiente das crianças e do homem para que emergisse a sensação de aborrecimento que, há algum tempo, pairava nas águas de sua consciência, estragando, em parte o prazer da partida: aproveitando a agitação criada pelos recém-chegados, a aeromoça se afastou, e Emmanuelle avistou, pela fresta da cortina, o quadril azul dela contra um viajante invisível. Ela censura a si mesma por sua inveja e tenta desviar o olhar. Uma frase vinda de não se sabe onde ronda sua cabeça com um tom de cantochão melancólico: “Na solidão e no abandono”. Ela afasta a obsessão com uma sacolejada, seus cabelos pretos chicoteiam as bochechas, escorrem por seu rosto... Mas a jovem inglesa se endireita; vira-se para a parte de trás do avião; aparece entre as cortinas e afasta com as duas mãos as preguiçosas abas do tecido; está ao lado de Emmanuelle.

— Gostaria que lhe apresentasse seus companheiros de viagem? — pergunta; e, sem esperar pela resposta, anuncia o nome do homem.

Emmanuelle acredita ter entendido “Eisenhower”² o que a diverte, fazendo-a perder o nome dos gêmeos.

Agora, o homem fala com ela. Como saber o que está dizendo? A comissária percebe o constrangimento de Emmanuelle, faz uma pergunta aos compatriotas e ri, mostrando a ponta da língua.

— Que desagradável — debocha. — Nenhum desses três viajantes sabe uma única palavra de francês. É uma ótima ocasião para refrescar seu inglês!

Emmanuelle quer protestar, mas a jovem já deu meia-volta, acenando com os dedos para os passageiros, com um gesto herético e gracioso. Emmanuelle reencontra seu abandono. Tem vontade de ficar emburrada, de se desinteressar de tudo.

2. Dwight D. Eisenhower foi o presidente dos Estados Unidos entre os anos 1953 e 1961. (N.T.)

Seu vizinho persiste e se esforça, articulando frases cuja boa vontade vã lhe arranca um sorriso. Ela faz um beicinho de pesar e confessa, com voz infantil:

— Não entendo!

E ele se resigna com o silêncio.

Nesse momento, ganha vida um alto-falante, escondido em alguma dobra da cortina. Assim que o locutor inglês se cala, Emmanuelle reconhece a voz de sua comissária falando francês (*para ela*, pensa), levemente distorcida pelo amplificador. Ela dá as boas-vindas aos passageiros do *Unicórnio*, informa a hora, a lista dos membros da tripulação, avisa que a decolagem ocorrerá em alguns minutos, que os cintos de segurança devem ser afivelados (um comissário surge na hora certa para se encarregar de ajustar o de Emmanuelle) e que os passageiros não fumem nem se levantem enquanto a luz vermelha permanecer acesa.

Pouco mais do que um murmúrio, um estremecimento das divisórias isoladas traduz o despertar dos propulsores. Emmanuelle nem mesmo percebe que o avião está se movimentando pela pista. Será necessário um bom tempo para que compreenda que está voando.

Na verdade, só percebe que o sinal vermelho se apagou porque o homem, levantando-se, sugere, por gestos, guardar o casaco que ela, sem saber por quê, mantinha sobre os joelhos. Ela permite. Ele lhe sorri novamente, abre um livro e não olha mais para ela. Um garçom logo aparece, carregando uma bandeja de copos. Emmanuelle escolhe um coquetel que acredita reconhecer pela cor, mas não é o que ela esperava, e tem sabor mais forte.

*

O que, além das divisórias de seda, deveria ser uma tarde passou sem que Emmanuelle tivesse tempo de fazer outra coisa além de comer doces, beber chá e folhear, sem ler, uma revista

que a comissária lhe emprestara (recusou-se a aceitar uma segunda, para não se distrair da novidade de “voar”).

Um pouco mais tarde, colocaram uma pequena mesa a sua frente e serviram-lhe, em recipientes de formatos estranhos, vários pratos difíceis de identificar. Uma garrafinha de champanhe estava disposta numa cavidade da bandeja, e Emmanuelle se serviu de generosos goles em uma taça em miniatura. Aquele jantarzinho pareceu-lhe durar horas, mas ela não estava ansiosa para que terminasse, tanto lhe agradava a descoberta daquele jogo. Houve várias sobremesas, café em xícaras de boneca e licores em copos enormes. Quando vieram retirar as mesas, Emmanuelle tinha a certeza de estar aproveitando bem sua aventura, de saborear a doçura da vida.

Ela se sentia leve e um pouco sonolenta. Percebeu que havia perdido até mesmo as reservas em relação aos gêmeos. A comissária de bordo ia e vinha, sem deixar de lhe dirigir uma palavra agradável ao passar. Quando se ausentava, Emmanuelle não ficava irritada.

Perguntou-se que horas seriam e se era adequado dormir. Mas, afinal, tinha a liberdade de dormir a qualquer momento, naquele berço alado, já tão longe da superfície da Terra, tendo alcançado aquela parte do espaço onde não há mais ventos nem nuvens e onde Emmanuelle não tinha nem mesmo certeza de haver dia e noite.

*

Os joelhos de Emmanuelle estão nus sob a luz dourada que incide dos difusores. Sua saia os deixou à mostra, e os olhos do homem não se afastam deles.

Ela sabe que seus joelhos estão erguidos em direção ao olhar dele para que se deleite. Mas pode se expor ao ridículo de cobri-los? E, além disso, como os esconderia? Sua saia

não se deixará alongar. Por que, afinal, de repente teria vergonha de seus joelhos, ela que gosta de brincar de revelá-los por baixo do vestido? Sob o náilon invisível, o movimento de suas covinhas espalha sombras ágeis pela pele cor de rabanada. Ela conhece a perturbação que despertam. Ao olhar para eles, mais nus por estarem apertados um contra o outro, como se tivessem saído de um banho à meia-noite sob o feixe de um holofote, nesse momento, sente suas têmporas pulsarem mais rápido e seus lábios se encherem de sangue. Logo, suas pálpebras se fecham, e Emmanuelle se vê não mais parcialmente nua, mas totalmente, e entregue à tentação dessa contemplação narcisista, diante da qual sabe que estará, mais uma vez, indefesa.

*

Ela resistiu, mas apenas para melhor saborear, gradualmente, as delícias do abandono. Este se anunciou por uma languidez difusa, uma espécie de consciência morna de todo o corpo, um desejo de relaxamento, de abertura, de plenitude, ainda sem sonhos precisos nem emoções identificáveis: nada muito diferente da satisfação física que teria sentido ao se esticar ao sol em uma praia de areia quente. Então, pouco a pouco, ao mesmo tempo que a superfície de seus lábios ficava mais brilhante, seus seios inchavam e suas pernas se esticavam, atentas ao menor contato, seu cérebro experimentou criar imagens, no início quase disformes, por bastante tempo sem conexão, mas que foram suficientes para umedecer suas mucosas e arquear os quadris.

Quase imperceptíveis, mas constantes, as vibrações amortecidas do casco de metal sintonizavam Emmanuelle com sua frequência, buscando harmônicos nos ritmos de seu corpo. Uma onda subia ao longo de suas pernas, começando nos joelhos (epicentros quiméricos desse tremor de sensações amorfas),

ressoando inexoravelmente na superfície das coxas, cada vez mais alto, sacudindo Emmanuelle com arrepios.

A partir de então, as fantasias surgiram, obsessivas: lábios que pousavam em sua pele, órgãos de homens e de mulheres (cujos rostos continuavam ambíguos), falos, ansiosos por tocá-la, esfregar-se contra ela, abrir caminho entre seus joelhos, forçando suas pernas, abrindo seu sexo, penetrando-a com esforço, um lavar que a preenchia. O movimento deles era de um progresso contínuo: não voltavam atrás; um após o outro, mergulhavam no desconhecido do corpo de Emmanuelle, pela estreita via que não se cansavam de reconhecer, parecendo nunca encontrar limites para seu percurso, caminhando indefinidamente no interior dela, saciando-a de carne e, sem cessar, despejando nela seus sumos.

A comissária de bordo pensou que Emmanuelle estivesse dormindo e, por precaução, reclinou o encosto, transformando o assento em leito. Estendeu um cobertor de caxemira sobre as longas pernas lânguidas, que o deslizamento da poltrona havia deixado à mostra até a metade das coxas. O homem então se levantou e fez ele mesmo a manobra que colocava sua poltrona no mesmo nível que se encontrava o de sua vizinha de cabine.

As crianças haviam adormecido. A comissária desejou boa-noite a todos e apagou as luzes do teto. Apenas duas luzes noturnas cor de malva impediam que os objetos e as pessoas perdessem completamente a forma.

Emmanuelle abandonou-se, sem abrir os olhos, aos cuidados que recebia. No entanto, seu devaneio nada tinha perdido em intensidade nem em urgência ao longo desses movimentos. Sua mão direita percorria agora o seu ventre, muito lentamente, detendo-se, para chegar ao nível do púbis, sob o leve cobertor que sua progressão ondulava. Mas, na penumbra, quem poderia vê-la? Com a ponta dos dedos, explorava, cavando na seda macia de sua saia, cuja estreiteza impedia que suas pernas se

abrissem: retesavam o tecido no esforço para se afastarem; conseguiram o suficiente, para que, enfim, os dedos sentissem, através do tecido delicado, o botão de carne ereto que buscavam e que pressionavam com ternura.

Por alguns segundos, Emmanuelle deixou o clamor do seu corpo se acalmar. Tentava adiar o desfecho. Mas, logo em seguida, não conseguindo mais se conter, começou, com um gemido abafado, a dar ao dedo médio o impulso minucioso e suave que deveria levá-la ao orgasmo. Quase imediatamente, a mão do homem pousou sobre a dela.

Sem fôlego, Emmanuelle sentiu seus músculos e nervos se contraírem, como se um jato de água gelada a atingisse em cheio na barriga. Permaneceu imóvel, não privada de sensações, mas com todas as sensações e todos os pensamentos suspensos, como em um filme cuja exibição é interrompida sem escurecer a imagem. Não sentiu medo, tampouco ficou, a rigor, chocada. Também não teve a sensação de ter sido pega em flagrante. Na verdade, naquele momento, era incapaz de formular um julgamento sobre o gesto do homem ou sobre a própria conduta. Havia percebido o ocorrido; então, sua consciência ficou paralisada. Agora, evidentemente esperava o que aconteceria com seus sonhos desmoronados.

A mão do homem não se movia. Mas não estava, entretanto, inativa. Com seu simples peso, fazia pressão sobre o clitóris, sobre o qual a mão de Emmanuelle estava apoiada. Por um bom tempo, nada mais aconteceu.

Então Emmanuelle percebeu que outra mão levantava o cobertor e o afastava, para que pudesse agarrar confortavelmente um de seus joelhos e apalpar reentrâncias e saliências. Aliás, não demorou muito e subiu, com um movimento lento, pela coxa, logo ultrapassando a barra da saia.

Quando a mão tocou sua pele nua, pela primeira vez Emmanuelle teve um sobressalto e tentou escapar do feitiço.

Mas, em parte porque não sabia exatamente o que pretendia fazer, em parte porque as duas mãos do homem lhe pareciam fortes demais para que tivesse a menor chance de escapar de seu aperto, limitou-se a erguer o busto, de modo desajeitado, a aproximar do ventre a mão que tinha livre, como para protegê-lo, e a virar-se parcialmente de lado. Percebia que teria sido mais simples e eficaz apertar as pernas uma contra a outra, mas, sem conseguir explicar por quê, esse gesto lhe pareceu de repente tão impróprio e ridículo que não ousou fazê-lo e acabou simplesmente desistindo de dominar uma situação que a confundia, submetendo-se novamente à paralisia que só conseguiu superar por um breve instante e de forma bastante irrisória.

Como se quisessem tirar, para edificação de Emmanuelle, lição dessa revolta vã, as mãos do homem a abandonaram de uma vez... Mas ela nem sequer teve tempo de se perguntar o que significava essa súbita reviravolta, pois aquelas mãos já estavam novamente sobre ela, desta vez na cintura, seguras, rápidas, desabotoando o cós da saia, abaixando o zíper; puxando o tecido, pelos quadris, até os joelhos. Então subiram. Uma delas penetrou a calcinha de Emmanuelle (leve e transparente, como todas as roupas íntimas que costuma usar — poucas, a bem dizer: uma cinta-liga, às vezes uma anágua, sob suas saias largas, nunca sutiã ou cinta, embora, nas lojas do bairro Saint-Honoré, onde compra sua lingerie, ela experimente, com uma ou outra das vendedoras loiras, morenas, bonitas, quase reais, que se ajoelham aos seus pés, descobrindo suas longas pernas, inúmeros modelos de sutiãs, espartilhos, calcinhas ou tangas, cujos dedos graciosos passam por seus seios ou coxas, e que a acariciam, pacientemente, com gestos repetidos e suaves, até os olhos de Emmanuelle se fecharem e ela dobrar, suavemente, os joelhos, pousando no chão coberto de náilon, como uma vela que se recolhe, aberta, quente e entregue à perfeita e satisfatória habilidade das mãos e dos lábios).

O corpo de Emmanuelle voltou à posição que sua tentativa de resistência havia momentaneamente perturbado. O homem acariciou com a palma da mão, como se alisasse o pescoço de um cavalo puro-sangue, seu ventre liso e musculoso, logo acima da parte alta do púbis. Seus dedos percorreram as dobras da virilha, depois acima da pelagem, traçando os lados do triângulo cuja área pareciam tentar calcular. O ângulo inferior estava muito aberto, uma disposição bastante rara que, no entanto, os escultores gregos perpetuaram.

Quando a mão que percorria o ventre de Emmanuelle se satisfazia com as proporções, forçou as coxas a se abrirem mais; a saia enrolada ao redor dos joelhos impedia seus movimentos: elas se renderam, entretanto, abrindo-se o máximo que podiam. A mão em concha envolveu o sexo quente e intumescido, acariciando-o como para acalmá-lo, sem pressa, com um movimento que seguia a constrição dos lábios, mergulhando - a princípio levemente - entre eles, para passar sobre o clitóris ereto e repousar sobre os cachos espessos do púbis. Então, a cada nova passagem entre as pernas, que, comprimindo a saia, abriam-se mais amplamente, os dedos do homem foram avançando para trás, penetrando mais fundo entre as mucosas úmidas. Por alguns momentos, porém, por capricho ou cálculo, diminuía o ritmo, fingindo hesitar, à medida que a tensão de Emmanuelle aumentava. Mordendo os lábios para conter o soluço que subia pela garganta, o tronco arqueado, ela palpitava de desejo pelo espasmo que o homem parecia querer aproximar continuamente, sem nunca permitir que ela o alcançasse.

Com uma única mão, ele lhe tocava o corpo, no ritmo e no tom que agradavam a si mesmo, desprezando os seios, a boca, sem parecer interessado em beijar ou abraçar, permanecendo, em meio à volúpia incompleta que proporcionava, displicente e distante. Emmanuelle balançava a cabeça para a direita e para a esquerda, soltando uma série de gemidos abafados, sons que

pareciam uma oração. Seus olhos se entreabriram e procuraram o rosto do homem. Começavam a brilhar com lágrimas.

Então a mão se imobilizou, ainda perto da região de Emmanuelle que tinha inflamado. O homem se inclinou um pouco em direção à passageira e pegou, com a outra mão, uma das suas, que trouxe para junto de si, introduzindo-a na roupa dele. Ajudou a mão a se fechar sobre a ereção rígida e guiou seus movimentos, regulando a amplitude e a cadência, moderando-os ou acelerando-os de acordo com o grau de sua excitação, até se convencer de que podia confiar na intuição e no desejo de Emmanuelle de agradar e deixá-la concluir, ao seu modo, a manipulação à qual ela inicialmente se dedicara com uma mente confusa e uma docilidade infantil, mas que aperfeiçoava, pouco a pouco, com um zelo inesperado.

Emmanuelle inclinou o tronco para que seu braço desempenhasse melhor o papel, e o homem, por sua vez, aproximou-se para poder salpicá-la com o esperma que sentia brotar do fundo de suas glândulas. No entanto, conseguiu se conter por bastante tempo, enquanto os dedos apertados de Emmanuelle subiam e desciam, menos tímidos à medida que a carícia se prolongava, não se limitando mais a um simples vaivém, mas se abrindo, de súbito, experientes, para deslizar ao longo da veia grossa e inchada, na curvatura do pênis, mergulhando (arranhando imperceptivelmente a pele com as unhas lixadas) o mais baixo possível – também o mais perto possível dos testículos, tanto quanto a estreiteza das calças permitia, e depois voltando, com uma torção lasciva, até que as dobras de pele variantes na palma da mão úmida cobrissem a ponta do membro, que parecia nunca alcançar, tamanho era seu aumento. Ali, apertando novamente com força, a mão voltava para a parte inferior do membro, esticando o prepúcio, estrangulando a carne tumescente ou relaxando seu aperto, mal roçando a mucosa ou provocando-a, massageando, com grandes movimentos

do pulso ou provocando com pequenos golpes sem piedade... A glândula, dobrando de tamanho, inflamava-se, ameaçando a qualquer momento, pensou ela, explodir.

Emmanuelle recebeu, com uma estranha excitação, ao longo dos braços, sobre o ventre nu, o pescoço, o rosto, a boca e os cabelos, os longos jatos brancos e aromáticos que finalmente jorravam do membro saciado. Pareciam não ter fim. Ela os imaginava escorrendo pela garganta, como se os bebesse... Uma embriaguez desconhecida tomou conta dela. Um deleite despudorado. Quando ela abaixou o braço, o homem tocou o clitóris de Emmanuelle com a ponta dos dedos e a fez gozar.

Um zumbido indicou que o alto-falante seria utilizado. A voz da comissária, deliberadamente abafada para que os passageiros não fossem acordados com brusquidão, anunciou que o avião pousaria no Bahrein em aproximadamente vinte minutos. Decolaria de novo à meia-noite, no horário local. Um aperitivo seria servido no aeroporto.

A luz renascia, aos poucos, na cabine, imitando a lentidão do amanhecer. Emmanuelle usou o cobertor (que escorregara para os pés) para absorver o esperma que respingara. Ajeitou a saia, cobrindo os quadris. Quando a comissária entrou, Emmanuelle, sentada no leito cujo encosto não havia levantado, ainda tentava se arrumar.

— Dormiu bem? — perguntou a jovem, alegremente.

Emmanuelle terminou de apertar o cinto.

— Minha camisa está toda amarrotada — disse ela.

Olhou para as manchas úmidas espalhadas em ambos os lados do decote. Enrolou as abas da blusa para fora, e a ponta escarlate de um de seus seios apareceu. O decote ficou aberto, e os olhares dos quatro ingleses se fixaram no contorno saliente do seio nu.

— Você não trouxe uma troca de roupa? — perguntou a comissária.

— Não — disse Emmanuelle.

Fez um beicinho. Continha-se, ostensivamente, para não rir. Os olhos das duas mulheres se encontraram e reconheceram sua cumplicidade; a igual perplexidade de ambas. O homem as observava. Seu terno não apresentava nenhuma dobra, a camisa estava tão limpa quanto no início, a gravata não se desalinhara.

— Venha comigo — decidiu a comissária.

Emmanuelle levantou-se, contornou seu vizinho (não faltava espaço) e seguiu a jovem inglesa até o banheiro, todo espelhado, com pufes, acabamentos em couro branco e prateleiras cheias de cristais e loções.

— Fique aqui!

A aeromoça desapareceu e voltou, alguns minutos depois, trazendo uma pequena maleta; levantou a tampa e tirou de um compartimento minúsculo um suéter cor de folha morta, tecido com fios de orlôm, lã e seda tão leves que cabiam inteiros na sua mão fechada. Quando ela o sacudiu, ele se encheu de ar como uma bola de borracha diante de Emmanuelle, que ficou maravilhada.

— Você vai me emprestar? — perguntou.

— Não, é um presente. Tenho certeza de que vai ficar muito bem em você: é seu estilo.

— Mas...

A comissária colocou um dedo nos lábios que se arredondavam, diante dela, para protestar. Seus olhos meigos cintilavam. Emmanuelle não conseguia desviar deles. Aproximou o rosto. Mas a aeromoça já havia se virado; estendia-lhe uma água-de-colônia:

— Passe isso, é um perfume masculino.

A viajante limpou o rosto, os braços e o pescoço, mergulhou entre os seios o algodão, impregnado com o líquido almiscarado, e, depois, mudando de ideia, rapidamente abriu os últimos botões da blusa.

Com os dois braços jogados para trás, ela deixou cair sua camisa de seda sobre o tapete branco e respirou fundo, subitamente aturdida pela seminudez. Virou-se para a comissária e contemplou-a com cândida alegria. Esta se inclinou para pegar a blusa amarrotada e a pressionou contra o rosto.

— Ah! Que cheiro bom! — exclamou, rindo maliciosamente.

Emmanuelle perdeu a compostura. A evocação da inacreditável cena de pouco antes lhe parecia irrelevante naquele momento. Seu único pensamento, que caminhava em círculos na cabeça como se fosse uma jaula, era tirar a saia, as meias, ficar completamente nua para aquela linda garota. Seus dedos brincavam com o fecho do cinto.

— Como seus cabelos são grossos e escuros! — exclamou a comissária, divertindo-se ao passar uma escova pelos cabelos ondulados de Emmanuelle, que cobriam as costas nuas até abaixo da cintura. — Que brilho! Como são sedosos! Eu adoraria ter cabelos tão bonitos.

— Mas eu gosto dos seus — contestou Emmanuelle. Ah! Se ao menos sua companheira também quisesse se despir! O desejo era tão grande que sua voz estava rouca. Suplicou: — Não é possível tomar banho neste avião?

— Claro que é. Mas é melhor esperar: os banheiros do aeroporto são ainda mais confortáveis. Além disso, não daria tempo, vamos pousar em cinco minutos.

Emmanuelle não conseguia se conformar. Seus lábios tremiam. Puxou o zíper da saia.

— Apresse-se em vestir meu *sweet* sueterzinho — repreendeu a jovem inglesa, estendendo a peça de lã para Emmanuelle.

Ela ajudou a passageira a passar a cabeça pela gola estreita. O tecido elástico era tão justo e fino que as pontas dos seios se destacavam em relevo, tão visíveis como se, em vez de estarem cobertas por uma blusa, tivessem sido simplesmente pintadas de vermelho. A aeromoça pareceu notá-los pela primeira vez.

— Como você está sedutora! — exclamou.

E usou a ponta do dedo indicador, rindo, para pressionar um dos mamilos pontudos, como se apertasse o botão de uma campainha. Os olhos de Emmanuelle brilharam.

— É verdade que todas as comissárias de bordo são virgens? — perguntou.

A jovem soltou um riso de pássaro cantor e, antes que Emmanuelle tivesse tempo de reagir, abriu a porta, levando consigo sua passageira.

— Rápido! Volte para o seu lugar. A luz vermelha está acesa, vamos pousar.

Mas Emmanuelle relutava. Além disso, não tinha a menor vontade de ficar lado a lado com seu vizinho de cabine.

*

A escala pareceu-lhe tediosa. De que adianta saber que estamos em uma ilha árabe se não vemos nada? O aeroporto, asséptico e cromado, com iluminação, refrigeração, tamponamento e isolamento acústico excessivos, parecia estranhamente com o interior do satélite artificial que, naquele momento, era mostrado no noticiário da televisão na sala em que os viajantes aguardavam. Emmanuelle tomou banho, bebeu chá e petiscou docinhos na companhia de quatro ou cinco passageiros, entre os quais se encontrava “o dela”.

Ela o observava com espanto, tentando entender o que havia transcorrido entre eles uma hora antes. Aquele episódio não se encaixava no resto da história de Emmanuelle. Estava certa de que realmente acontecera? Ah, e também, pensar nisso era complicado demais! Além disso, arriscado demais. O mais simples e prudente era evitar pensar no assunto. Esforçou-se para esvaziar toda a parte do cérebro que insistia em fazer perguntas.

Quando a movimentação dos outros, mais do que a voz incompreensível do alto-falante, indicou que era hora de voltar a bordo, ela já não sabia muito bem o que era que tinha se esforçado tanto para esquecer.

*

Quando os passageiros voltaram ao avião, notaram que havia sido higienizado, arrumado e arejado. Um perfume fresco havia sido borrifado nas cabines. Os leitos ganharam cobertores novos. Almofadas grandes, de um branco luminoso, cheias de penas, tornavam ainda mais tentador o veludo azul-escuro sobre o qual estavam dispostas. O comissário veio perguntar se gostariam de algo para beber. Não? Bem, então, boa noite! A aeromoça, por sua vez, fez votos de que dormissem bem. Todo esse cerimonial encantava Emmanuelle. Sentia-se ficar feliz novamente - de forma positiva, com entusiasmo, com segurança. Queria que o mundo fosse exatamente como era. Tudo na terra estava definitivamente bem.

Deitou-se de costas. Desta vez não sentiu medo de mostrar as pernas; tinha vontade de movimentá-las. Levantou-as, uma de cada vez, dobrando e esticando os joelhos, exercitando os músculos das coxas, esfregando, com um suave farfalhar de náilon, os tornozelos um contra o outro. Degustou minuciosamente o prazer físico desse exercício dos membros. Para poder melhor se movimentar, levantou ainda mais a saia, deliberadamente, sem se esconder, puxando o tecido com as duas mãos.

Afinal, soliloquiava, não são apenas meus joelhos que valem a pena serem vistos; são minhas pernas inteiras. É preciso reconhecer que são realmente bonitas; diríamos dois riachos cobertos de folhas secas e inflados de espírito travesso que se divertem em passar um por cima do outro. E essa não é a única coisa boa que tenho. Também gosto da minha pele, que se bronzeia ao sol como

um grão de milho, sem nunca ficar vermelha; e das minhas nádegas. E as pequenas framboesas na ponta dos meus seios, com seu colarinho de açúcar vermelho. Queria tanto poder lambê-las.

As luzes do teto se apagaram, e ela puxou para si, com um suspiro de bem-estar, o cobertor impregnado com o aroma de agulhas de pinheiro que a companhia aérea lhe oferecera para proteger seus sonhos.

Quando só restaram as luzes noturnas, virou-se de lado e tentou distinguir seu companheiro de cabine, que não ousara olhar diretamente desde que voltara a se deitar perto dele. Para sua surpresa, encontrou o olhar do homem fixo nela, parecendo esperá-la, visível apesar da escuridão quase total. Por algum tempo, ficaram assim, olhando nos olhos um do outro, com uma única expressão de tranquilidade. Emmanuelle reconheceu o lampejo de ternura um pouco divertido, um pouco protetor, que havia notado na primeira vez que se encontravam (quando, exatamente? Fazia apenas sete horas?), e pensou ser disso que gostava nele.

Como essa companhia inesperadamente se tornara agradável, sorriu e fechou os olhos. Sentia uma vontade confusa de algo, mas não sabia do quê. Não encontrou outra solução senão recomeçar a se alegrar por ser bela: a própria imagem girava em sua mente como um refrão favorito. Com o coração acelerado, procurava em pensamento a enseada invisível que sabia estar oculta num promontório de ervas escuras, na confluência dos dois riachos: sentia a correnteza lambe as margens. Quando o homem se apoiou em um cotovelo e se inclinou em sua direção, ela abriu os olhos e deixou que a beijasse. O gosto dos lábios dela nos dele tinha a frescura e o sal do mar.

Ela endireitou o tronco e levantou os braços, para facilitar a tarefa dele quando quis tirar-lhe o suéter. Saboreou o leve embaraço de ver brotar, por baixo da lã avermelhada, os seios que a penumbra fazia parecer ainda mais redondos e volumosos

do que durante o dia. Para preservar o prazer de despi-la, ela não o ajudou a encontrar o fecho da saia; no entanto, levantou o quadril para que ele pudesse deslizá-la sem esforço. Desta vez, a estreita bainha não ficou enrolada em torno dos joelhos: Emmanuelle ficou completamente livre dela.

As hábeis mãos do homem libertaram-na da calcinha fina. Depois de também tirar a cinta-liga, a própria Emmanuelle enrolou as meias e as deixou com a saia e o suéter aos pés do leito.

Somente quando estava inteiramente despida, ele a apertou contra si e começou a acariciá-la, dos cabelos aos tornozelos, sem esquecer nada. Agora, tinha tanta vontade de fazer amor que seu coração doía e sua garganta apertava: achava que nunca mais fosse conseguir respirar, que jamais fosse rever a luz do dia. Sentia medo, queria gritar, mas o homem mantinha um enlace apertado, com uma mão no sulco de suas nádegas, dilatando a frestinha trêmula, um dedo inteiro engolido. Ao mesmo tempo, beijava-a avidamente, lambendo sua língua, bebendo sua saliva.

Ela se queixava, com pequenos gemidos, sem saber bem o motivo do sofrimento. Seria o dedo que a explorava, tão fundo em seu corpo? Ou a boca que se alimentava dela, engolindo cada respiração, cada soluço? Seria o tormento do desejo ou a vergonha de sua luxúria? A lembrança da forma comprida recurvada que segurara na palma da mão a perseguia, magnífica e ereta, áspera, dura, vermelha, certamente ardente, a ponto de ficar insuportável. Gemeu tão alto que o homem se apiedou: finalmente sentiu o membro nu, firme como ela esperava, pousar em seu ventre, e Emmanuelle apertou-se contra ele com toda a suavidade de seu corpo.

Permaneceram assim por um longo momento, sem se mover; então, de repente, o homem a pegou nos braços e a puxou para cima dele, de modo que agora estava deitada no leito ao lado do corredor. Menos de um metro a separava das crianças inglesas.

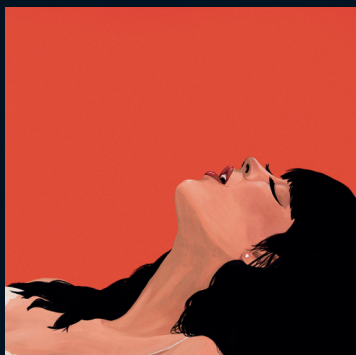
Havia se esquecido até mesmo da existência delas. De repente, percebeu que não estavam dormindo e a observavam. O menino estava mais próximo, mas a menina se aconchegou contra ele para ver melhor. Imóveis e com a respiração suspensa, fitavam Emmanuelle com as pupilas dilatadas, nas quais ela não conseguia ler nada além de uma curiosidade fascinada. Ao pensar em ser possuída diante dos olhos deles, em se entregar, ela, a esse excesso de devassidão, Emmanuelle sentiu uma espécie de vertigem. Ao mesmo tempo, estava ansiosa para que isso acontecesse e que pudessem assistir a tudo.

Estava deitada do lado direito, com as coxas e os joelhos dobrados, o quadril entregue. O homem segurava-a pela lateral, por trás. Ele deslizou uma perna entre as de Emmanuelle e a penetrou em um impulso retilíneo e irresistível, facilitado pela rigidez absoluta de seu pênis e pela umidade do corpo de Emmanuelle. Foi somente após atingir o ponto mais profundo da vagina e ali pausar, o tempo de suspirar de prazer, que começou a mover o membro para a frente e para trás com ímpetos regulares.

Liberta de sua angústia, Emmanuelle ofegava, mais líquida e mais quente a cada investida do falo. Como se estivesse se alimentando dela, este aumentava de tamanho e seus movimentos ganhavam amplitude e força. Através da bruma de seu êxtase, ela conseguiu se maravilhar com o fato de que o percurso desse aríete pudesse ser tão longo em seu ventre. Seus órgãos, divertiu-se em imaginar, não pareciam ter atrofiado durante os muitos meses sem o estímulo de um agulhão masculino. Com essa volúpia reencontrada, ela agora desejava aproveitá-la ao máximo e pelo maior tempo possível.

O viajante, por sua vez, não parecia perto de se cansar de escavar o corpo de Emmanuelle. Ela teria gostado de saber, em determinado momento, havia quanto tempo estava dentro dela, mas não tinha nenhuma referência para estimar.

EMMANUELLE



“Todo instante passado com outra coisa que não seja gozar ‘com arte’, entre braços sempre numerosos, é um tempo perdido.”

Esta é a lei de Emmanuelle. E ela a vive sem reservas.

Recém-casada com Jean, um engenheiro francês renomado em Bangkok, a jovem Emmanuelle desembarca na Tailândia com o corpo livre e o espírito faminto. Entre as piscinas do Royal Bangkok Sports Club, as massagens proibidas, os templos de Priapo e os fumódromos clandestinos, ela descobrirá que o prazer não é apenas físico. É uma arte, uma filosofia, um desafio à natureza e aos costumes.

Entre o desejo e a meditação, Emmanuelle aprende que gozar é pouco. É preciso gozar com inteligência, com coragem, com pluralidade. E que a verdadeira devassidão não está no corpo, mas na alma que se recusa a ser propriedade de um só.

Publicado pela primeira vez em 1959, perseguido pela censura e transformado em mito pelo cinema, *Emmanuelle* volta agora em sua versão original – filosófica, subversiva, literária. Um clássico do erotismo que não é sobre sexo, mas sobre liberdade.

CONTEÚDO ADULTO

TUSQUETS
EDITORES



9 788542 244915